

# Panorama

Editor: Igor Natusch  
igor@jornalcomercio.com.br

ISADORA QUINTANA/DIVULGAÇÃO/JC



## Cosmovisão indígena transformada em arte

Andressa Pufal  
andressap@jcrs.com.br

Pela primeira vez em sete décadas, um artista Guarani tem uma exposição individual no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs). José Verá é o pioneiro desta história – foi também o primeiro indígena a ter obras compradas pelo acervo do museu, em 2022. A exposição *Mbya Nhenhandu Reko: A essência da sabedoria Guarani* traz uma seleção de 28 obras do artista, que apresentam aspectos centrais da cosmovisão indígena. A mostra fica em cartaz até o dia 5 de julho, com entrada gratuita e horários de visitação de terça a domingo, das 10h às 19h.

José Verá nasceu em Tenente Portela em 1951 e passou muitos anos vendendo artesanato em beira de estrada. Se estabeleceu na Terra Indígena Barra do Ouro em 1985, e vive até hoje na Aldeia Yvyty Porã, área de 2,2 mil hectares de Mata Atlântica preservada entre os municípios de Riozinho e Maquiné. Em 2004, começou a

desenhar. Inicialmente, suas artes eram feitas com canetas esferográficas, até que o ambientalista Cilon Estivalet o presenteou com papel e canetas hidrocor, em uma visita à Aldeia.

Autodidata, Verá utiliza lápis de cor e canetas hidrocor para colorir saberes ancestrais de seu povo. O artista diz que começou a pintar após um chamado de Nhanderu, o deus criador Guarani. Foi através de sonhos que Nhanderu o ensinou e até hoje pede que desenhe, para transmitir aos mais jovens os ensinamentos sobre a Terra e a relação simbiótica do homem com a natureza.

Árvores, rios, sóis, luas, pássaros coloridos são os elementos presentes nas obras de José Verá. É a natureza vista com olhos de igual, de encantamento. Os desenhos de Verá utilizam muitas cores e delicadeza como forma de comunicar. São traços gentis e suaves, como se quisesse dizer que até em desenho devemos ter cuidado com a natureza. São artes de pequenas dimensões, mas que “convidam

a gente a tentar desacelerar desse fluxo tão instantâneo e consumir a arte com mais letargia. Um convite para tomarmos tempo ali. Um tempo que não é o instantâneo”, analisa Cris Barros, curadora assistente do Margs.

A temporalidade indígena também se evidencia na expografia da mostra, que buscou traduzir na disposição das peças a cosmovisão de um tempo não linear. Um grande círculo no meio da sala apresenta a espiralidade da vida. O começo não é delimitado, nem o fim: tudo se complementa e segue um curso natural de continuidade e interdependência. Não existe uma obra mais importante ou uma história que dá início às outras. Na natureza e na cultura indígena tudo convive de forma mútua e interligada.

Verá traz as mitologias Guaranis eternizadas no papel, uma forma de ver e explicar o mundo que agora passa da efemeridade do oral para colorir a celulose do papel. Não apenas por uma escolha artística, a necessidade de fixar a

história oral, típica dos povos originários, joga luz a uma questão muito mais profunda: o extermínio indígena. Se faz necessário firmar suas histórias em uma mídia física para atingir mais pessoas e eternizar as suas vivências. “É uma estratégia de sobrevivência. É uma forma de fazer com que essa cultura chegue até em quem não vai às aldeias”, explica Cris Barros.

Mas, diferente das palavras, a mídia física está suscetível às ações do tempo e da natureza. Em 2022, o Margs comprou sete obras de Verá. Foram as primeiras peças de um artista indígena a integrar o acervo do museu. Desde este momento o Margs vem construindo uma relação de confiança com o artista, que culminou na exposição de agora. Dois anos depois, os desenhos de Verá foram afetadas pela maior tragédia climática do Rio Grande do Sul. A enchente danificou cerca de 3,7 mil obras do Margs, incluindo as sete do artista Guarani.

Para integrar a mostra de agora, as artes desse acervo seriam

restauradas e expostas, mas o artista não concordou com o restauro. Para ele, as obras não tinham mais a inscrição espiritual e teriam de ser refeitas, a partir de uma nova conexão com Nhanderu. “Ele falou que Nhanderu não estava mais naqueles desenhos, mas que ele podia conversar com ele para fazer novas peças que pudessem repor as que foram afetadas.”

A ciclicidade da vida quis que suas obras estivessem expostas no Margs dois anos após as águas do Guaíba avançarem sobre a cidade para retomar suas margens originais. Em um terreno aterrado, a força da água que inunda evidencia uma natureza dominada que quer passar algum recado. Agora, trazem cor às paredes de um museu que, dois anos atrás, foi colorido pelo marrom dos rios as artes de um indígena septuagenário – que faz arte muito mais do que pelo fazer artístico, mas para comunicar aos juruás (pessoas não indígenas) que existe outra forma muito mais respeitosa de relação com a natureza.